

A FORMAÇÃO DO SUJEITO SOCIAL A PARTIR DO DESENCAIXE DAS FONTES DE INFORMAÇÃO

Boaz Antonio de Vasconcelos Lopes*

* Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba.
E-mail: bboaz@bol.com.br

I INTRODUÇÃO

Ao longo do último meio século, as mudanças da vida do cotidiano das pessoas têm motivado os pensadores sociais a enunciarem que algo de muito estranho está acontecendo no ritmo evolutivo do que ficou definido como modernidade clássica. Em um contexto em que, em maior ou menor escala, geograficamente, os fundamentos do capitalismo clássico, centralidade econômica e a concentração de rendas, ainda persistem como uma sombra sobre a condição humana na terra.

A radicalização do processo que teve início com as Grandes Navegações culminou com a globalização da economia. Com o advento da globalização, o que era compreendido como produção e consumo de objetos locais (materiais e símbolos) não tem mais sentido.

A globalização da economia se destaca; mas, no entanto, não é tudo. Isto porque se os processos que regulam a comunicação humana estão mudando também, o **sujeito**, enquanto forma psíquico-simbólica, que por ventura tenha se consolidado no projeto da modernidade, provavelmente, já não é mais o mesmo.

Dos fenômenos da globalização econômica e simbólica, temos particular interesse em analisar as conseqüências, para a clássica **noção do sujeito social**, do **desencaixe** entre o lugar onde acontecem os principais fenômenos sociais e o lugar onde este sujeito se encontra quando percebe estes fenômenos, assim como, as implicações das transformações dos vários mecanismos sócio-tecnológicos e informacionais que, cada vez mais, passaram a mediar esses dois extremos.

Nossa perspectiva de análise da relação entre a globalização e o papel dos novos sistemas simbólicos de comunicação tem como fundamento a **tese** de que: o desencaixe dos processos informacionais contemporâneos vem gerando novos sujeitos sociais na forma de outras identidades, relações e papéis.

2 O DESENCAIXE DAS FONTES DE INFORMAÇÃO

Na **pré-modernidade** o espaço e o tempo andavam sempre de “mãos dadas”. Esta alegoria bem representa a cultura cotidiana da pré-modernidade porque o espaço dos acontecimentos se limitava ao geográfico do convívio das comunidades.

A identidade na pré-modernidade estava ligada à compreensão do mundo fundamentada na tradição cultural, na religião ou na superstição em geral. Desta forma, conhecer era ser capaz de lidar com técnicas primitivas da reprodução do viver. A ordem social era sedimentada na valorização da cultura local e oral.

A tradição, principal fonte de informação comunitária, era realimentada mediante ritos culturais. Na pré-modernidade, os ritos eram referência para a sobrevivência mediante atividades práticas ou atividades comuns do cotidiano da vida. Suas práticas eram as fontes manifestas de conservação das tradições coletivas.

Os ritos da pré-modernidade eram comunicados por meio de uma linguagem que se auto-referencia e que possui uma verdade em si. Além do mais, tais ritos possuíam um guardião que assumia uma posição de destaque dentro da

comunidade, pois guardava os segredos destes ritos sagrados.

A tradição era intrinsecamente excludente, uma vez que era monopolizada pelos guardiões, pois suas verdades só eram reveladas aos iniciados e só a esses eram dados os benefícios advindos da comunidade. **Os outros** eram condenados a viver vagando pela periferia dessa.

O principal fluxo de informação fluía como meio de fortalecimento dos ritos da tradição, uma vez que sempre existia a necessidade da conquista física e simbólica dos descrentes, e, com isso, o fortalecimento dos guardiões e de suas comunidades.

O advento da **modernidade** veio no esteio do processo de urbanização da sociedade, do surgimento das grandes cidades e, naturalmente, da reconstrução da comunidade pré-moderna. O que antes era a comunidade social da proximidade espacial e temporal passou a ser o espaço público amplo como contraponto ao privado.

Com o surgimento da Revolução Industrial, da Ciência e do contrato social formal, o que antes era confiado ao guardião das tradições culturais passou ao controle dos peritos ou especialistas, com seus sistemas hermeticamente fechados, e aos ditames da lei, da ordem e da razão instrumental. Esse contrato social é regido pela hegemonia da cultura ocidental, delimitada por um refinado estado burocrático, este comandado por dirigentes eleitos “democraticamente” pelos sistemas políticos.

Na modernidade, os espaços tornam-se maiores. O sujeito perdeu o contato direto com as fontes de informação cultural, gerando uma sensação de insegurança Bauman (2003). Esta insegurança passou a ser inevitável e coloca cada indivíduo diante da necessidade de ter que assumir e aceitar riscos para poder existir em sociedade, como, por exemplo, acessar uma conta bancária (um dos principais sistemas peritos informatizados contemporâneos) para resgatar seu salário. Dessa forma, passamos a viver em uma típica sociedade do risco e controlada por especialistas e seus sistemas concebidos artificialmente.

Giddens (2001) identifica uma descontinuidade na ordem social quando da passagem da pré-modernidade para a modernidade, caracterizada pelos seguintes fatores: aceleração das mudanças vistas pelos indivíduos, globalização dos fenômenos e a não

necessidade da explicitação da origem das fontes de informação. Portanto, uma possibilidade de apagamento das origens das fontes das informações.

O apagamento dessas fontes gera anúncios deslocados de tempo-espaço, produz o desencaixe informacional, mediante **um deslocamento das relações sociais do contexto local para uma posterior reconstrução em extensões indefinidas de espaço-espaço.**

Quando na pré-modernidade o saber era pré-definido pelos guardiões dos rituais sagrados, com quem os indivíduos mantinham uma relação comunicativa não reflexiva; com o advento dos sistemas peritos geradores de informação em massa, os indivíduos passaram a estar constantemente reformulando seus conhecimentos para reaplicá-los, automaticamente, sobre suas práticas cotidianas. Isto é o que Giddens (2001) chama de **reflexividade moderna.**

3 AS CONDIÇÕES DA GLOBALIZAÇÃO

Uma das metáforas mais poderosas para caracterizar a sociedade contemporânea é a noção de compressão do tempo-espaço, proposta por Harvey (2002, p. 219), à qual ele se refere da seguinte maneira: “processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos”.

Tais processos implicam a aceleração do tempo e a diminuição das distâncias que acompanham a rápida circulação dos recursos sociais: o desenvolvimento de meios de transporte cada vez mais eficientes; a criação de uma rede mundial de telecomunicações que transforma o planeta numa aldeia global; e as relações de interdependência econômica e ambiental, acompanhadas do surgimento de uma consciência ecológica internacional, que se refletem na metáfora da espaçonave terra onde tudo que se faz em seu interior afeta a todos os passageiros.

A razão da modernidade começou no Iluminismo que viria a instaurar um projeto de vida social planejada e controlada, a fim de promover a igualdade social e o bem-estar de todos; e essa mentalidade racionalizadora do tempo e do espaço encontrou no mapa, no relógio e no calendário instrumentos particularmente fundadores.

A partir de meados do Século XIX a economia mundial toma o rumo global, marcada pela fase de aceleração e expansão do capitalismo, impulsionado pelo desenvolvimento tecnológico, originário do advento das redes ferroviárias, dos jornais diários, das comunicações por telégrafo, do rádio, do automóvel, da TV e, hoje, da Internet.

Já então, o “encolhimento” do mundo passa a criar desafios para a manutenção das identidades locais e do sentido de continuidade histórica, que foram refletidos pela arte e pela filosofia da virada do século XX.

Na condição pós-moderna, ganha ainda mais força a idéia de que “tudo que é sólido desmancha no ar”, a célebre expressão de Marx para definir os tempos modernos. Vivemos num mundo em que a lógica da produção e distribuição das mercadorias está calcada na ênfase em qualidades como instantaneidade e descartabilidade.

O bombardeio de estímulos, através da propaganda e da multiplicação das imagens, da cultura, leva a uma verdadeira sobrecarga sensorial. Numa paisagem social marcada pela velocidade nos processos de produção e consumo, ocorre a perda de um sentido do futuro, na medida em que o futuro possa ser descontado do presente. Temos isso como uma das conseqüências do desencaixe das fontes de informação.

A volatilidade e a efemeridade, afirma Harvey (2002, p. 263), “também tornam difícil manter qualquer sentido firme de continuidade”. A aniquilação do espaço por meio do tempo se faz através das tecnologias de transmissão de imagens e informação, mas também pela maior facilidade de deslocamento concreto de pessoas e mercadorias. Apesar disso, Giddens (2001) afirma que estamos apenas em uma modernidade tardia, uma continuidade das expressões da modernidade, não estamos em uma pós-modernidade como identifica Kumar (1997).

Como conseqüência geral dos novos fenômenos, vive-se uma cultura do ecletismo e da mistura. Podendo-se ter acesso simultâneo, principalmente nos centros urbanos, a hábitos alimentares, práticas religiosas, e manifestações artísticas de culturas as mais diversas. Globalmente é possível vivenciar toda a geografia informacional de um único ponto de um terminal de computadores.

Na medida em que essa enorme quantidade de características, de modelos e de relações

possíveis vai sendo internalizada, e havendo este povoamento do eu, o indivíduo amplia grandemente suas possibilidades de se localizar em diferentes contextos sociais, como também, de conduzir diálogos interiores sobre as mais diferentes questões.

Na sociedade contemporânea, o indivíduo deve, não apenas, fazer frente à multiplicidade de estímulos e modelos, à aceleração dos processos temporais, ou à dissolução das fronteiras políticas, culturais e étnicas, como deve aprender a conviver com aquilo que Augé (1996) denomina de **não-lugares**. Na supramodernidade, a superabundância do espaço e a aceleração dos meios de informação, comunicação e ação levam às modificações concretas na paisagem geopolítica do mundo:

Concentrações urbanas, traslados de populações e multiplicação daquilo que poderíamos chamar de “não-lugares”, por oposição ao conceito sociológico de lugar, associado [...] com o de cultura localizada no tempo e no espaço. Os não-lugares são tanto as instalações necessárias para a circulação acelerada de pessoas e bens (vias rápidas, entroncamentos de rotas, aeroportos) como os próprios meios de transportes ou os grandes centros comerciais, ou também os campos de trânsito prolongado onde se estacionam os refugiados do planeta (AUGÉ, 1996, p. 40-41).

4 A FRAGMENTA DO SUJEITO SOCIAL CLÁSSICO

Para Harvey (2002, p.18) “as ordenações simbólicas do espaço e do tempo fornecem uma estrutura para a experiência mediante a qual aprendemos quem ou o que somos na sociedade”. Refletir sobre as novas configurações e representações do espaço tem, portanto, a finalidade de melhor elaborar os impactos que tais mudanças trazem para a construção da identidade, a manutenção da segurança ontológica, assim como para a emergência das patologias mentais.

Para Hall (2005) as novas características espaciais e temporais, que resultam da compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito nas identidades culturais. Ele apresenta três possíveis conseqüências desse processo:

- As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado da hegemonia de uma cultura planetária;
- As identidades nacionais, locais ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização;
- As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades híbridas estão tomando seu lugar.

O impacto da globalização sobre as identidades pode ser compreendido a partir de uma de suas principais características, a compressão espaço-tempo, provocando a sensação de que o mundo é menor e as distâncias mais curtas. Dessa forma, o que acontece em um determinado lugar tem impacto imediato sobre as pessoas que estão à grande distância.

A globalização midiática proporciona um afrouxamento das identificações com as culturas nacionais e um reforço de outros laços e lealdades culturais, como gênero, raça, etnia, idade e estilos de vida.

Nas sociedades contemporâneas, os meios de comunicação e de informação corporificam muitos elementos verificados na cena cultural e social, tais como a fragmentação, o hibridismo, o pastiche, a colagem e a ironia.

Para refletir sobre esta questão, Woodward (2000) nos ensina que as identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas. O autor explica ainda que a identidade é relacional e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica em relação a outras identidades.

A mídia é uma das instituições que podem construir novas identidades, das quais os sujeitos podem se apropriar e reconstruir para seu uso. Nesse sentido, os sujeitos são constrangidos não apenas pelas identidades que a cultura oferece, mas também pelas relações sociais que se estabelecem a partir delas.

Hall (2005) nos oferece um quadro onde são apresentadas três diferentes concepções históricas do sujeito: **o iluminismo, o sociológico e o pós-moderno.**

O **sujeito do Iluminismo** estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia

e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo.

Pode-se ver que a noção do sujeito iluminista era uma concepção muito "individualista" do sujeito e de sua identidade (na verdade, a identidade 'dele': já que o sujeito do Iluminismo era usualmente descrito como masculino).

A noção de **sujeito sociológico** refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava.

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós" contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural.

Com o **sujeito pós-moderno**, argumenta-se, que as características do sujeito sociológico estão mudando. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas.

Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais.

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos nas nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Para Hall (2005), se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”.

A identidade plenamente identificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. **Então, estamos diante da fragmentação da noção básica de sujeito.** Apesar do argumento fluente a favor do surgimento de um sujeito pós-moderno, não é essa a nossa percepção sobre o que está acontecendo com o sujeito sociológico, vemos que aquele argumento se atém a apenas a questão fenomenológica dos fatos.

Mas, como nossa tese inicial dá conta do processo contemporâneo da formação do sujeito, temos que esse fenômeno não se explica pela **aparente** existência de dois mundos paralelos e distintos, um real e outro virtual. Mas, ao contrário, pela relação entre esses dois possíveis universos, mediada pelo desencaixe das fontes das informações culturais, vitais para os sujeitos sociais em sua formação. Ponto que iremos desenvolver no fechamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto Hall (2005) afirma que o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas, Castells (2000), contrariamente, percebe

o surgimento de um sujeito de resistência (sólido e ideológico) que faz frente à onda de hegemonia cultural que trafega pelas infra-estruturas das redes de informação globalizadas. Mas, o que realmente está acontecendo: a fragmentação ou coesão do sujeito?

Sabemos o quanto os referentes de espaço e tempo são fundamentais para o senso de identidade pessoal, entre os quais: onde nascemos, onde nos graduamos, onde vivemos e trabalhamos, são informações primárias para a nossa identificação diante de outros, e para a construção de um núcleo íntimo de identidade pessoal. E que na pré-modernidade a proximidade das fontes de informação culturais possibilitava a formação de sujeitos com identidade coesa, apesar de mística.

Com advento da modernidade, houve o surgimento dos grandes centros urbanos e do êxodo populacional das comunidades locais e a formação das massas. O distanciamento das fontes de informação cultural mediante o fenômeno do desencaixe do indivíduo, fez criar um vácuo de poder informacional que, naturalmente, passou a ser ocupado pelos sistemas de informação de massa.

Em paralelo aos novos fenômenos informacionais, houve a expansão do capitalismo como modo de produção. Não mais limitado a produzir bens materiais, como acontecia no século XVIII, mas também incorporando setores cada vez mais significativos de bens simbólicos, desde o século XIX e, em especial, no século XX. Ocupando todos os vácuos de poder, ainda que em meio a diversas peculiaridades, o capitalismo torna-se também o modo de produção de bens simbólicos de massa.

Hoje estamos estruturando uma sociedade contemporânea organizada em moldes de um capitalismo tardio. Aliás, Castells (1999) e Jameson (2000) consideram que se vive hoje uma terceira fase do capitalismo. Nela, a informação se transforma na mercadoria mais valiosa.

Enquanto Giddens (2001) fala de sistemas peritos que ocupa os vácuos simbólicos de poder, Baudrillard (2000, 2001) identifica o surgimento dos simulacros, ou mesmo oráculos geradores de verdades monolíticas. E, de fato, há uma onda, feito massa inerte de pessoas, que criam suas identidades referenciando sistemas simbólicos auto-referentes, como que estes fossem guardiões de rituais pós-modernos ou um atípico sujeito sociológico (ou ideológico).

Por outro lado, também, há a formação de identidade de resistência (a periferia da Matrix), que usa das novas tecnologias de informação e da comunicação de forma bidirecional criando as redes de resistência cultural contemporânea, em uma ação comunicativa que desfragmenta as identidades de massa, como sugere Habermas (1983).

A perspectiva da existência de um sujeito simulacro como referência simbólica, que absorve o ato de fazer história, uma vez que passa a ter o controle espaço-tempo da informação cultural das massas, afirma a tese pós-moderna do ante-sujeito. Porque, na perspectiva da impossibilidade do simulacro substituir, sem aniquilar, o sujeito sociológico, cria o confronto entre este e aquele.

Quando o sujeito sociológico vier a se deparar com espelho corpo-espírito do sujeito simulacro, evidenciam-se os limites da civilização humana na terra. Qual o próximo passo? A superação do sujeito sociológico ou a auto-aniquilação dele? Será que estamos diante da obviedade da evolução cósmica: começo, meio e fim?

A criação de redes virtuais de resistência vem se tornando um fenômeno comum ao cotidiano de nossa contemporaneidade. Tomamos como exemplo: a rede virtual que foi criada na Espanha em 11 de março de 2004 contra o candidato do Partido Popular (conservador) após o governo atual (pertencente a este partido) ter divulgado, por interesse político, nas mídias de massa, que o responsável pelo ataque terrorista aos trens de Madri tinha sido o grupo local ETA, e não

o terrorismo internacional. Contrariando todos os prognósticos, o PP perdeu as eleições de 14 de março: contrariadas 1,4 milhão de pessoas se mobilizaram, principalmente usando de celular e Internet, para propagar a opção de voto na oposição socialista, encabeçada pelo atual presidente José Luis Rodríguez Zapatero, a apenas três dias das eleições; pondo em xeque o poder da mídia de massa mundial.

Recentemente, na América Latina foi criada uma cortina informacional, frustrada, comandada, principalmente, pela elite econômica da região e o capital financeiro internacional, usando dos meios de comunicação de massa para frear a onda de ascensão de candidatos populares aos governos de vários países da região. A massa da população encontrou outras formas de construir suas alternativas políticas, ao eleger um grande número de políticos por identidade direta, criando um dos maiores fenômenos históricos dessa região, deixando a crítica mundial atônita.

Uma das leituras do que vem a ser o processo da globalização pode indicar que estamos vivenciando uma perspectiva de abertura para uma onda virtual da democratização da informação via novas tecnologias bidirecionais (Internet, celular, TV interativa, etc). Portanto, a criação de redes informacionais para a socialização e fortalecimento de um sujeito construído por redes virtuais de interações diretas e ponto a ponto, e não da fragmentação deste. **Será que estamos passando pela Idade Média do acesso a informação ou vivenciando o fim do poder da mídia de massa?**

THE FORMATION OF THE SOCIAL SELF FROM THE INFORMATION SOURCES DISCONTINUITY

Artigo recebido em 14.09.2005 e aceito para publicação em 04.02.2007

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. *Espacios del anonimato: una antropología de la sobrenormalidad*. Barcelona: Gedisa, 1996.
- BAUDRILLARD, J. A *Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- _____. *À sombra das maiorias silenciosas*. O fim do social e o surgimento das Massas. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: J Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *Sociedade em redes*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GIDDENS, A. *Conseqüências da modernidade*. 2.ed. São Paulo: UNESP, 2001.
- HABERMAS, Jurgen. *Consciência moral de agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DO&A, 2005.
- KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2000.
- WOODWARD, Katharyn. Identificação e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.